

LIMA, Ellen. *Ixé Ygara Voltando Pra 'Y'Kuá* (sou canoa voltando pra enseada do rio). São Paulo: Editora Urutau, 2021.

ELLEN LIMA, *IXÉ YGARA VOLTANDO PRA'Y'KÛÁÁ (SOU CANOA VOLTANDO PRA ENSEADA DO RIO)*

Cristina Mielczarski dos Santos ¹

Cada poeta é um pulsar no rio da linguagem.
Octavio Paz, O arco e a lira

Ybytu
Palavra é Gùyrá' i
Que voa mesmo sem vento
E voando venta na gente.
Ellen Lima, *Ixé Ygara Voltando pra'Y'kûáá*

O primeiro livro de poemas da escritora wassu Ellen Lima, *Ixé Ygara Voltando pra'Y'kûáá (sou canoa voltando pra enseada do rio)*, publicado pela editora Urutau (2021), apresenta 36 poemas, com prefácio de Ademario Ribeiro e posfácio da autora. Os poemas são uma amálgama da língua portuguesa e do Tupi antigo, a língua ancestral que foi silenciada pelo processo histórico civilizacional. Em 2021, participou da antologia *Volta para a sua terra*, uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeiros em Portugal.

Ellen Cristine Cruz de Lima, mais conhecida como Ellen Lima, é carioca, indígena de origem Wassu Cocal (Maceió-AL)², também é professora, pesquisadora, artista, poeta e mestra em Artes. Mora, atualmente, em Braga, local onde cursa o doutoramento em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas, na Universidade do Minho (CEHUM). Nesta universidade, com a pesquisa “Poéticas da expropriação”, examina a relação entre expropriação territorial e identitária nos discursos visuais e literários dominantes”. A poeta também publicou outro livro de poesia em 2023, *Yby Kôatiara – um livro de terra*, neste livro já acrescentou ao seu nome Wassu, sua origem (Ellen Lima Wassu). Na atualidade, é ativista, realizando palestras e workshops e fomentando debates

¹ Cristina Mielczarski dos Santos, Prof^a. Dr^a. Estudos de Literatura - Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas.

² O povo Wassu Cocal é um grupo indígena (ramo Kariri) que habita a Terra Indígena Wassu-Cocal, no município de Joaquim Gomes, região da Mata Alagoana, terras que foram homologadas em 2007.

sobre colonialismo e questões indígenas em Portugal. É ligada à APOINME, organização regional que faz parte da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil). Para ocorrer a transformação das mentalidades, é necessário ter esperança, e, como afirma a filósofa Viviane Mosé, “esperançar é revolucionário”,

A poeta viveu parte de sua primeira infância em Cocal (localizada na zona da mata de Alagoas); filha de Bibi, neta de dona Alice Menina, sobrinha de Hibes Menino (guerreiro Wassu cruelmente sequestrado das terras de Cocal), cresceu na periferia do Rio de Janeiro. Em suas palavras: “E nas dúvidas entre Rio, periferia, aldeia e mundo; ficava eu, então, dentro de mim e da escrita” (Lima, 2021, p. 60). Tendo pai indígena, criado no território indígena, e mãe branca, ela não se sentia representada nas narrativas ficcionais da historiografia brasileira, que traziam/trazem repetidamente a imagem de um indígena preguiçoso e outros inúmeros estereótipos depreciativos sobre os povos desterritorializados e invisibilizados dentro de seu próprio território. O colonizador, cujo primeiro ato é a invasão, seguido da usurpação dos corpos e territórios, deixa nesses corpos e espíritos marcas indelévels, como as evidenciadas no poema “Retratorritorialização”, que veremos mais abaixo.

Portanto, é no seu percurso de vida que começa a compreender o apagamento da história perpetrado pelo processo civilizatório, que segue empenhado em afirmar que os povos originários se extinguíram. Em oposição a essa violência, a poeta retoma sua identidade de indígena do povo Wassu Cocal. Em entrevista concedida ao Portal Afrolis para Carla Fernandes, Ellen Lima (2023, *on-line*) afirma:

Então saber que sou uma mulher racializada e entender isso a partir do meu trabalho, do meu corpo e da minha escrita, é fundamental para posicionar tudo o que eu faço na vida. Porque, de facto, todas as questões que me trouxeram, que me fazem pensar o trabalho estão diretamente ligadas à minha racialização; estão diretamente ligadas ao meu lugar no mundo, ao meu povo, e é mais por aí.

Longe ou perto de casa sou yby r-aîra (filha da terra)

[...]

O Mundo é Ka'á e Y'

E enquanto houver abá, yby gira.

Para (re)escrever seu (re)existir. (Lima, 2021, p. 15)

O livro inicia com o poema “Yby ¹” que significa “terra” na língua do idioma Tupi antigo, o mesmo que Tupinambá, língua que nominou quase tudo antes da colonização.

Conhecemos nomes de rios, cachoeiras, serras, plantas, animais, pessoas, situações cotidianas, entre outros. Sabe-se que no Brasil, antes do seu “achamento”, aqui circulavam mais de 1500 línguas dos povos originários, no entanto, hoje restam apenas 274 línguas que estão quase em extinção. Para não deixarmos que estas línguas pereçam, se faz necessário e urgente preservá-las, estudá-las, valorizá-las. E uma das formas para preservá-las é por meio da poesia: “Para (re)escrever seu (re)existir”.

Já na abertura do livro o poema “Yby¹” traz em si a força dos elementos primordiais terra (Yby), ar - vento (Ybytu), fogo (Tatá) e água (Y’), elementos que perpassam a obra e que configuram o ser indígena (Abá) e dele não podem ser separados. A perseverança se instala, de modo que a voz lírica se empenha em afirmar que enquanto os povos originários estiverem sobre a terra, a luta do existir não vai esmorecer. Sentimos sua potência em “Ybytu” na assertiva da poeta: “Liberdade é fruta / Pra comer / Com casca e tudo” (Lima, 2021, p. 42).

Yby (terra)³ é um elemento muito presente e representativo na poética de Lima, e não é para menos, pois os povos originários desde a chegada dos colonizadores lutam pelo direito às suas terras. Tanto a desterritorialização, como a diáspora, no caso dos povos originários, ocorreram dentro de seu próprio território.

Ao elemento terra se une Y’ (água) e juntos fazem a Ygara (canoa), que percorre o mar das palavras e dos sentidos, como em “Yby 4”: “Fazer do meu corpo ygara e deslizar nas águas da vida por aí” (Lima, 2021, p. 24), rio que ao mesmo tempo é fluidez, como nos conta Ailton Krenak (2022, p. 11): “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral”. No poema “Yby 4”, os elementos terra, fogo, água e ar convergem ao corpo, a canoa que, na atualidade, leva-nos aos caminhos possíveis de ser, e até aos impossíveis. O corpo-canoa, mesmo quando leva para longe dos territórios, não deixa que as nossas raízes se percam.

A palavra poética na obra nasce de uma mulher indígena, não aldeada e, como ela mesma afirma, racializada, precisando lidar com a desumanização de seu povo, e, ao

³ O elemento terra (Yby) está presente em vários poemas como: Yby¹ (Das coisas que a terra sabe fazer); Yby, Y’, Ybytu, Tatá² (Ixé ygara voltando para `y’hûa); Yby6 (o amor imaginário); Yby (Quando estava de pé); Yby (Estamos nos assistindo morrer). As numerações são da poeta.

mesmo tempo, querendo afirmar sua subjetividade enquanto mulher indígena, como escreve em “Retrateritorialidade”:

Há dias em que me retrato, e nada.
Há dias em que o retrato
retrata tudo que as lentes não sabem ler.
as dores, os amores, as saudades.
Às vezes até minhas outras três vidas.
Tem dias que o retrato mostra a moça Wassu.
E tem dias que o retrato é coberto por ilusões ocidentais.
Tem dias que sou, e nada mais.
Tem dias que... é só um rosto, vazio e mais nada. (Lima, 2021, p. 20)

A subjetividade do eu poético se constrói à medida que se sabe que a própria existência não se separa do meio pelo qual nos conscientizamos de nós mesmos. É possível afirmar que é mediante a poesia que o sujeito constitui sua identidade, pois a poesia é uma forma de conhecimento e também de autoconhecimento.

Nesse contexto, é importante ressaltar o papel dos intelectuais no processo de construção de identidades. Nada melhor que a literatura para divulgar, preservar a história de seus povos e produzir reflexões sobre os silenciamentos e apagamentos. No caso dos povos originários, faz-se urgente conhecer suas artes multimodais, que representam suas cosmovisões e suas linguagens de formas plurais, seja na oralidade, na escrita, na pintura de quadros, na pintura de seus próprios corpos e no imaginário que denota a diversidade e riqueza das suas perspectivas.

No portal “Vozes”, a poeta comenta sobre suas reflexões quanto ao pertencimento: “Eu diria que vivi num limbo porque você escuta a vida inteira que você é uma coisa, mas a sociedade diz que você é outra e como a gente está inserido no Estado brasileiro é ele que domina. Nas imagens, nos livros escolares, nas narrativas”. Sendo assim, é fulcral escutar a fala indígena, acessar suas artes.

A identidade dos povos originários está muito ligada à terra, são filhos da terra e constituídos da natureza. Na poesia de Lima, a natureza tão corporificada na cosmologia indígena está presente por meio do léxico empregado: raízes, vento, água, casa, terra, areia, floresta, fogo, estrelas, constelações, céu, pássaro, pedra, borboletas, flor, mar; no entanto, não se enganem, pois sob o manto dos versos livres estão debatidas as questões da colonialidade do saber, do poder e do ser, do preconceito, da racialização, contrapostos à força da ancestralidade: “Seremos abá em qualquer lugar, porque ancestralidade não é nome, é traço fundo (Lima, 2021, p. 51).

A poeta explica que os poemas de seu livro celebram as línguas “que temos; a que nos foi dada, a que nos foi tirada. Celebra, entre tantas coisas indizíveis, o ser, o sangue, a diáspora, a resistência, os vestígios, o encanto da retomada” (Lima, 2021, p. 61). Portanto, a união da língua portuguesa e do idioma Tupi enaltece a força dos elementos da natureza: *Yby, Tatá, Y’, Ybyrá*, traçando um diálogo entre passado e o presente. Observamos esse pertencimento à terra no singular poema permeado pela língua tupi, “Yby, Y’, Ybytu, Tatá 2” (Lima, 2021, p. 17), que inicia com o título do livro “Ixé ygara voltando para `y’kûá” (sou canoa voltando pra enseada do rio):

Ixé ygara voltando para `y’kûá
Ixé ybyrá de raízes que voam.
Xe r-oka é o vento,
Xe r-oka é a água.
A-guatá pelo mundo,
Às vezes longe de casa,
Às vezes perto de mim.
Xe r-oka é a terra
Da floresta, da ilusão do ocidente,
estrada, fumaça ou curupira.⁴
Longe ou perto de casa
sou yby r-aiyira. (*Sou filha da terra*)

Este poema dialoga com o que em outro momento a poeta vaticinou: “Deixa o céu ficar cinza de tanto queimar quando não tiver mais ar para respirar” (Lima, 2021, p. 27). Ambos predizem efeitos climáticos que sentimos na própria respiração em 2024, quando uma camada de fumaça invadiu os céus de nosso país, causada pelas queimadas criminosas. Em resposta possível a essa devastação, em “Ybytinga” lê-se: “A mais certa é a verdade das nuvens, sempre reinventando o céu” (Lima, 2021, p. 33).

O engajamento tanto estético como emocional da poeta Ellen Lima também pode ser lido no seu *Instagram* que, em 7 de junho de 2023, alerta sobre a (re)colonização nossa de cada dia enquanto reivindica direitos imprescritíveis e originários:

as invasões coloniais
nunca acabaram
só andam agora disfarçadas
de legislação
expropriação
marco temporal
mas a terra tem memória
a gente tem história
nosso direito é ancestral

⁴ Outros significados da palavra Xe r-oka.

Podemos ser guiadas/guiados pelas palavras de Ailton Krenak em seu livro *A vida não é útil* (2020, p. 24), no qual ele afirma que: “Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver”. E a poesia, que oferece uma experiência estética e sensível única, pode ser um bom começo para suscitar esse envolvimento.

Aûêbeté (obrigada – você fez muito por mim)!

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. Pesquisa e organização Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIMA, Ellen. *Ixé Ygara Voltando Pra 'Y'Kúá* (sou canoa voltando pra enseada do rio). São Paulo: Editora Urutau, 2021.

LIMA, Ellen. *Defendendo a alegria com Ellen Lima*. Entrevista concedida a Carla Fernandes. In: **Afrolis**, Portugal, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://afrolis.pt/defendendo-a-alegria-com-ellen-lima/>. Acesso em: 02 dez. 2024.

LIMA, Ellen. *A causa indígena em Portugal*. Entrevista concedida a Lina Moscoso. In: portal **Vozes**, Lisboa. Disponível em: <https://portalvozes.com/a-causa-indigena-em-portugal/>. Acesso em: 03 dez. 2024.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Resenha submetida em: 17 dez. 2024

Aceita para publicação em: 08 jan. 2025

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.144718>